

PEQUENOS CETÁCEOS COM DENTES

João Marcos Miragaia Schmiegelow*

Nesse grupo inclui-se desde o cachalote que pode atingir 20m de comprimento até a toninha (fig.1), com cerca de 1,5m, passando pela orca, "a baleia assassina". Porém os representantes mais significativos em termos de número de espécies e abundância são os botos e golfinhos.

Essa denominação popular de boto e golfinho (ou mesmo del-fim), varia de local para local. Em geral, considera-se como golfinho, aqueles animais que são encontrados em mar mais ou menos aberto e que muitas vezes seguem as embarcações. Já os botos vivem mais em lagunas, estuários, foz de rios ou mesmo em água doce. Às vezes uma mesma espécie é chamada de boto num local e golfinho em outro.

São muito pouco estudados no Brasil. Pinedo & Castelo (1980) citam os estudos feitos no Brasil a partir de 1955: Vieira (1955) apresenta em sua "Lista remissiva dos mamíferos do Brasil" as espécies de cetáceos existentes no país. Carvalho (1961) estudou morfológica e osteologicamente a toninha (*Pontoporia blainvillei*) (fig.1) e descreveu exemplares do boto do gênero *Sotalia* sp (fig. 2) encontrados no litoral paulista (1963). Esse autor ainda em 1966 publicou um trabalho sobre o encalhe do cachalote pigmeu (*Kogia breviceps*) em Santos (SP).

Paiva Carvalho (1969) publica sobre a baleia de Cuvier no litoral de São Paulo e em 1975, Carvalho lista as espécies de mamíferos marinhos para o Brasil.

Gianuca & Castelo (1976) registram a ocorrência de (*Hyporoodon planifrons* e Castelo & Gianuca (1976) a ocorrência de *Pseudorca crassidens* para a costa do Rio Grande do Sul. O primeiro desses autores encontrou no conteúdo estomacal de uma orca, restos de arraias-aguia (*Myliobates*) que foram identificados com base nas placas dentárias e espinhos cravados ao redor da boca (1977).

Castelo & Pinedo publicaram sobre os primeiros registros de *Mesoplodon densirostris* (1980a), *Stenella caeruleoalba*, *S. plagiodon* e

(*) Universidade de São Paulo – Instituto Oceanográfico
Praça do Oceanográfico, s/nº Cidade Universitária - Butantã - SP.

Figura 1 – Desenho esquemático do corpo da toninha (*Pontoporia blainvillei*).

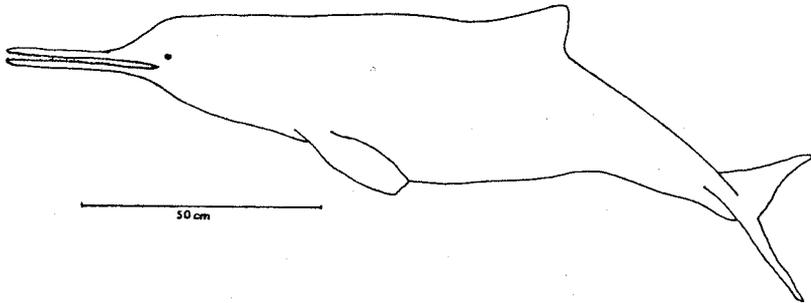
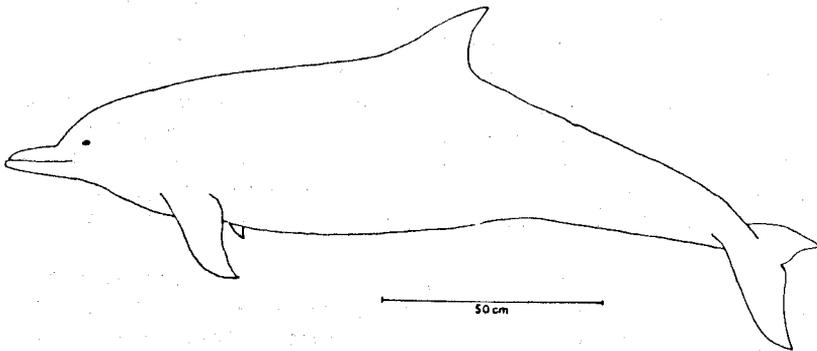


Figura 2 – Desenho esquemático do corpo do boto comum (*Sotalia sp.*).



Steno bredanensis (1980b) para o sul do país com notas osteológicas. Bittencourt (1983) publicou a primeira ocorrência de *Orcinus orca* para o litoral catarinense e *Sotalia* sp (1984a) (fig. 2) para o litoral do Paraná. Esse mesmo autor publica em 1984 (b) um guia para identificação de cetáceos para o Brasil.

Nos Congressos Brasileiros de Zoologia, a partir de 1984, observamos uma série de trabalhos sobre cetáceos odontoceti, variando de 4 a 5 trabalhos por Congresso, embora em 1987, houve apenas um sobre esse grupo.

Cabe mencionar também duas teses de mestrado com esses animais, uma de Pinedo (1982) que trabalhou com conteúdo estomacal de *P. blainvillei* (toninha) (fig. 1) e *Tursiops gephyreus* (boto) no Rio Grande do Sul e Silva (1983) que trabalhou com os golfinhos da Amazonia (*Inia geoffrensis* e *Sotalia fluviatilis*).

Em 1986 ocorreu no Rio de Janeiro o 2º Encontro de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul, dando uma boa idéia da produção científica no país dentro dessa área.

Em abril de 1987 cabe mencionar o encalhe maciço (cerca de 240 indivíduos) de *Peponocephala electra* (golfinho-cabeça-de-melão) no Estado da Bahia, muito divulgado pela imprensa, cujos animais estão sendo estudados pela Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) (Siciliano et al, 1987).

Como se pode imaginar o estudo desses animais é muito difícil, pois como conseguir o material? Não serve para a alimentação, além da sua pesca ser proibida (embora em direção ao nordeste a partir do norte do estado do Rio de Janeiro, são capturados, pois a sua carne em decomposição serve como isca na pesca do cação). Então como estudá-los?

Pode-se observá-los diretamente em seu habitat. É de grande interesse a observação de cetáceos no mar, pois temos animais vivos diante de nossos olhos e assim podemos obter certos dados físicos e etológicos (Durán et al, 1982). Podem ser observados diversos tipos de comportamento (aéreo, de cópula, de pesca), deslocamento, tamanho da manada, filhotes, etc.

Uma grande quantidade de estudos sobre cetáceos baseia-se na observação através de radiais feitas naturalmente pela linha que a embarcação segue (Aguayo & Torres, 1967; Gallardo & Pastene, 1983). Segundo Leatherwood et al (1976), a respeito de deficiências num primeiro esforço e as dificuldades inerentes na identificação positiva de muitas das espécies de cetáceos no mar, os resultados obtidos em programas de estudo dessa natureza tem sido encorajadores. O potencial de expansão de tais programas de observação é enorme. Com isso pode-se obter informações

sobre a distribuição e abundância desses animais (Durán et al, op. cit.). No Brasil alguns trabalhos sobre observação de pequenos cetáceos foram feitos na Lagoa dos Patos (Castelo & Pinedo, 1977), Baía da Guanabara (Geise & Borobia, 1984) e Fernando de Noronha (Lodi, 1986).

Outro aspecto muito interessante no estudo de cetáceos vivos é quanto a fotografias, que possibilitam conhecer-se os animais individualmente por marcas naturais nas nadadeiras dorsais (Wursig & Wursig, 1977).

Um outro tipo de metodologia a ser utilizada com relação a esses animais é obtê-los quando estes morrem em redes, durante a pesca comercial. Segundo Ohsumi (1975), um grande número de pequenos cetáceos são mortos acidentalmente por diferentes tipos de pesca no mundo. No Pacífico por exemplo, diversas espécies de golfinhos morrem em rede de cerco para atuns; no Pacífico oriental, os pescadores utilizam os golfinhos (*Stenella plagiodon* e *S. Longirostris*, os quais temos ambos no Brasil) para capturar os atuns de nadadeira amarela ou Albacora-de-Lage (*Thunnus albacares*), onde, como resultado, milhares destes mamíferos são mortos anualmente nas redes. No norte do Pacífico ainda, muitos morrem em redes de espera para a pesca do salmão.

No Atlântico da América do Sul, diversos trabalhos sobre cetáceos foram baseados em captura acidental em redes de espera, principalmente no Uruguai, em "Punta del Diablo" onde a toninha é capturada na pesca do cação, sendo descrita inicialmente em 1969 por van Erp.

No Brasil ocorre grande número de pequenos cetáceos mortos durante a pesca comercial (Pinedo & Castelo, 1980).

É mais comum do que geralmente pensamos, encontrar esses animais mortos em praias, geralmente na linha superior da maré, muitas vezes atrás das dunas anteriores. Geralmente estão já muito destruídos principalmente por urubus, sobrando apenas os ossos e parte da pele (em regiões de praia onde há grande densidade populacional, a prefeitura recolhe logo os animais que porventura apareçam). Mesmo assim a coleta de pelo menos o crânio é muito importante, pois a taxonomia desse grupo pode ser feita apenas pelo estudo craniométrico (e como os estudos aqui ainda estão "engatinhando", qualquer informação é muitíssimo útil!).

Informações valiosas sobre a ocorrência de mamíferos marinhos podem ser coletadas por não especialistas (Mitchell, 1975). Segundo Lichter & Hooper (1984), tanto vivo como morto é muito útil tirar fotografias, preferencialmente a cores. O melhor é tirar uma de corpo inteiro e de perfil. Se possível, deve-se tirar fotos de alguns detalhes do perfil da cabeça, boca, nadadeira peitoral, dorsal e caudal. Muito importante também é obter-se o comprimento total em linha reta do animal.

De um modo geral, ao nos depararmos com um animal morto em alguma praia, devemos coletar o maior número de informações possível, sempre baseado em nosso "bom senso".

Segundo Gaskin (1982) existem 6 famílias dentro da subordem odontoceti dos quais quatro ocorrem no Brasil.

Dentro da família Physeteridae temos o cachalote (*Physeter macrocephalus*), que já foi caçado no Brasil e o cachalote pigmeu (*Kogia breviceps*).

Na família Ziphiidae, encontramos alguns gêneros de animais pelágicos, de mar aberto, não muito comuns.

Na família Platanistidae temos dois gêneros (dentro de quatro no mundo) que é o boto rosa da Amazônia (*Inia geoffrensis*), encontrado nos principais rios da bacia Amazonas-Orinoco e nos rios Ibaré e Mamoré. O outro gênero é *Pontoporia blainvillei*, conhecida como toninha, que é um animal pelágico costeiro de pequeno porte cuja distribuição vai desde o Espírito Santo até a Península Valdéz na Argentina.

E na família Delphinidae, encontramos os vários tipos de golfinhos e botos, em pelo menos 10 gêneros no Brasil. Entre estes, temos um gênero muito comum que é *Sotalia* sp (fig. 2) que aparece desde os rios amazônicos até Santa Catarina, mas ainda há grande dificuldade na denominação específica. Outro boto ou golfinho comum é *Tursiops gephyreus* (Esse gênero é muito utilizado em aquários de visitação pública, onde exibem saltos, piruetas, etc.). Dentro dessa família entram ainda o golfinho rotador (*Stenella longirostris*) que aparece na Baía dos Golfinhos em Fernando de Noronha, e a tão conhecida orca (*Orcinus orca*) que chega até nossas águas, entre outras espécies.

Nos Estados Unidos por exemplo, a pesquisa nessa área é muito desenvolvida, abrangendo estudos de marcação com raios laser, rastreamento com auxílio de satélite, etc. E aqui, nem temos identificados todos os nossos pequenos cetáceos com dentes!

Recebido para publicação em 3-7-87.

BIBLIOGRAFIA

- AGUAYO, L. A. & TORRES, D. 1967. Observaciones sobre mamíferos marinhos durante a 20 Comisión Antartica Chilena. Rev. Biol. Mar., 13: 1-57.
- BITTENCOURT, M. L. 1983. *Orcinus orca*, baleia assassina (Cetacea Delphinidae), primeiro registro para o litoral norte catarinense com notas osteológicas. Arq. Biol. Tecnol., 29(1): 77-103.

- _____ 1984a. Primeira ocorrência de *Sotalia brasiliensis* (boto), Cetacea Delphinidae para a Baía de Paranaense, Brasil. Arq. Biol. Tecnol., 27(1):95-98.
- _____ 1984b. Contribuições para a identificação dos cetáceos ocorrentes na costa e águas interiores. Arq. Biol. Tecnol., 27(4):529-547.
- CARVALHO, C. T. de 1961. "*Stenodelphis blainvillei*" na costa meridional do Brasil, com notas osteológicas (Cetacea, Platanistidae). Rev. Brasil. Biol., 21(4):443-454.
- _____ 1963. Sobre um boto comum no litoral do Brasil (Cetacea Delphinidae). Rev. Brasil. Biol., 23(3):263-276.
- _____ 1966. In PINEDO, M. C. & CASTELO, H. P. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. Oceanográfico, S. Paulo, 29(2):319-321.
- _____ 1975. Ocorrências de mamíferos marinhos no Brasil. Bol. Téc. Inst. Flor., São Paulo, (16):12-32.
- CASTELLO, H. P. 1977. In PINEDO, M. C. & CASTELLO, H. P. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2):319-321.
- _____ & GIANUCA, N. M. 1976. In CASTELLO, H. P. & PINEDO M. C. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2):319-321.
- CASTELO, H. P. & PINEDO, M. C. 1977. Botos na Lagoa dos Patos. Nat. em Revta, Fund. Zoobot. R. S., (2):46-49.
- _____ 1980a. *Mesoplodon densirostris* (Cetacea, Ziphiidae), primeiro registro para o Atlântico Sul Ocidental. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2):91-94.
- _____ 1980b. Primeiros registros dos golfinhos *Stenella caeruleoalba*, *Stenella plagiodon* e *Steno bredanensis*, para o sul do Brasil, com notas osteológicas. Bol. Inst. oceanogr., São Paulo, 29(2):313-317.
- DURAN, N. C.; PENAS P., X. M. & PINEIROS S., A. 1982. Unha guía prá identificación dos cetáceos observados no mar. Mem. Mus. Mar. (Zool.), 2(20), 29p.
- GALLARDO, V. A. & PASTENE, L. 1983. Observaciones cetológicas frente a Chile Central entre 32°00'S y 38°30'S. Cienc. Tec. del Mar., CONA, 7:141-154.

- GASKIN, D. E. 1982. The ecology of whales and dolphins. Heinemann Educational Books, Exeter, New Hampshire, USA. 459p.
- GEISE, L. & BOROBIA, M. 1984. Análise preliminar do levantamento populacional dos botos da Baía de Guanabara-Rio de Janeiro (Cetacea: Delphinidae). XI Congresso Brasileiro de Zoologia. Resumos.
- GIANUCA, N. M. & CASTELLO, H. P. 1976. First record of the southern bottlenose whale, *Hyperoodon planifrons* from Brazil. Scient. Rep. Whales Res. Inst. Tokio, 28: 119-126.
- LEATHERWOOD, S.; CALDWELL, D. K. & WINN, H. E. 1976. Whales, dolphins and porpoises of the Atlantic – A guide to their identification. NOAA tech. Rep. NMFC Circ., 396, 176p.
- LICHTER, A. & HOOPER, A. 1984. Guia para el reconocimiento de cetáceos del Mar Argentino. Fundación Vida Silvestre Argentina. 96p.
- LODI, L. 1986. Observações sobre o comportamento de *Stenella longirostris* (Cetacea, Delphinidae) na Ilha de Fernando de Noronha, Brasil. XIII Congresso Brasileiro de Zoologia. Resumos.
- MITCHELL, E. D. (ed.). 1975. Report of the meeting on smaller cetaceans, Montreal April 1-11, 1974, Subcommittee on Small Cetaceans, Scientific Committee, International Whaling Commission. J. Fish. Board Can., 32(7).
- PAIVA CARVALHO, J. de. 1969. In PINEDO, M. C. & CASTELO, H. P. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2): 319-321.
- OHSUMI, S. 1975. Incidental catch of cetaceans with salmon gillnet. J. Fish. Res. Board Can. 32(7): 1229-1235.
- PINEDO, M. C. 1982. Análise dos conteúdos estomacais de *Pontoporia blainvillei* (Gervais & D'Orbigny, 1844) e *Tursiops gephyreus* (Lahille, 1908) (Cetacea, Platanistidae e Delphinidae) na zona estuarial e costeira de Rio Grande, RS, Brasil. Tese de Mestrado. Univ. Fed. Rio Grande do Sul. 95p.
- SICILIANO, S.; LODI, L.; CAPISTRANO, L.; THEBALD, M. & ANDRADE, L. de 1987. Encalhe em massa de golfinhos no litoral baiano. Ciência Hoje, 6(32): 78-79.
- SILVA, V. M. F. da. 1983. Ecologia alimentar dos golfinhos da Amazônia. Tese de Mestrado. INPA e FUA. 109p + 3 anexos.

- VAN ERP, I. 1969. In PINEDO, M. C. & CASTELO, H. P. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2): 319-321.
- VIEIRA, C. da C. 1955. In PINEDO, M. C. & CASTELO, H. P. 1980. Estudos de cetáceos no Oceano Atlântico Sul Ocidental e a falta de uma política de conservação e manejo no Brasil. Bol. Inst. oceanogr., S. Paulo, 29(2): 319-321.